

1. Introdução

A índole escatológica faz parte da natureza e da missão da Igreja, que, como sacramento visível da salvação em Cristo, aponta à tensão de já possuir a salvação, mas não plenamente efetivada neste mundo. Neste sentido, a índole escatológica da comunidade cristã é a tensão entre o já da fé e a espera da realização plena da ação salvífica em Cristo. Battista Mondin afirma que, a partir da *Lumen gentium*, a Igreja apresenta-se como tensão escatológica, vivendo em sinais a manifestação do Reino de Deus¹. Desta índole jaz a certeza de que a dimensão escatológica é constitutiva da natureza cristã. Por isso, a índole escatológica perpassa todo o mistério eclesial, todos os tratados teológicos e todos os ministérios eclesiais, pois tudo tende ao *Éschaton*, isto é, à plenitude em Cristo². Como bem lembraram os Padres conciliares: “Cristo, levantado da terra, atraiu todos a si (cf. Jo 12,32), ressurgindo dos mortos (cf. Rm 6,9), enviou aos discípulos o Seu vivificante Espírito e, por Ele, constituiu seu Corpo, que é a Igreja, como sacramento universal da salvação”.³ Assim, a realidade escatológica penetra todas as dimensões do seu ser eclesial, articula-se com tudo e, ao mesmo tempo, oferece um sentido último a todas as ações sacramentais da comunidade de fé.

A índole escatológica nasce da vocação cristã de ser, em Cristo, comunidade de santos pela graça; sinal visível da realidade invisível da salvação “já” anunciada e “ainda não” totalmente realizada. Por isso, essa dimensão

¹ Cf. MONDIN, B. *La Chiesa Primizia Del Regno: Trattato di ecclesiologia*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1970, pp. 392-394.

² A escatologia como tratado teológico ganhou espaço sobretudo após o Concílio Vaticano II, quando os Padres conciliares fizeram perceber a unidade do tema escatológico com todo o sistema teológico. A pergunta feita por J. L. Ruiz de la Peña na introdução de sua obra: *La otra dimension: escatologia Cristiana*, sobre a importância do tema escatológico na reflexão teológica era uma preocupação de muitos outros teólogos. Isso podemos verificar pelas publicações sobre esse assunto. Cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. 3ª Edição, São Paulo: Teologia/Loyola, pp. 28-42; NOCKE, F. J. *Escatología*. Barcelona: Herder, 1984, pp. 30-32; DE LA PEÑA, J. L. R. *L'otra Dimensión: escatología cristiana*. Madrid: Halar, 1975, pp. 9-40; Concílio Vaticano II, Decreto *Optatam totius*, nº 14-16; TORNOS, A. *Escatologia I*. Madrid: Publicaciones de la Universidad Pontificia Comillas, 1989, pp. 9-47; RATZINGER, J. *Escatología*. tomo IX, curso de Teologia dogmatica, Barcelona: Herder, 1984, pp. 17-30.

³ LG, 48.

escatológica é índole permanente, atuante, dinâmica e necessária, porque aponta à finalidade da comunidade cristã e à sua missão no mundo. Daí, podemos distinguir dois momentos importantes na caminhada escatológica da Igreja, a saber: a vocação cristã de cada fiel e o chamado à efetivação do reino aqui e agora na vida terrenal, em íntima unidade com fiéis que já vivem na glória celeste. Essa temática será o centro de nosso trabalho.

Como afirma a Carta aos Hebreus, não temos, aqui, pátria definitiva, mas estamos à procura daquela que há de vir. A vida carrega uma ambiguidade intrínseca, pois, estando na carne, sabemos, de antemão, que nossa pátria não é aqui, porque o ser humano é espiritual e transcende este mundo. Todavia, estamos prisioneiros e longe do Senhor, anelando o dia de estar com Ele definitivamente. Então, a tendência da vida escatológica cristã é viver a dialética entre o “já” possuir a graça de Cristo, mas “ainda não” estar na plenitude de posse dela no Reino definitivo. “Unidos, pois, a Cristo, na Igreja, e marcados pelo selo do Espírito Santo ‘que é o penhor da nossa herança’ (Ef 1,14), chamando-nos e na realidade somos filhos de Deus (1Jo 3,1), mas não aparecemos ainda com Cristo na glória (Col 3,4), na qual seremos semelhantes a Deus, porque o veremos tal como ele é”⁴

Realmente, nossa participação e vinculação à graça de Jesus acontece “já” na história terrena, mas ela não se resume apenas a isso que apalpamos com nossos sentidos. Vai além disso, pois a vida em Cristo rompe a barreira da temporalidade, levando-nos à *éschata*. Pela real participação na vida divina à qual somos chamados a viver, brota a tensão dialética, que caracteriza a nossa existência escatológica e peregrina: já somos verdadeiramente justificados e santificados; participamos da graça do Senhor, que anima, sustenta e inspira cada fiel na prática das boas obras, mas, ao mesmo tempo, carregamos esse tesouro em vasos de barro (cf. 2 Cor 4,7) em meio à nossa condição ambígua de ser no mundo. Nossa tensão, portanto, verifica-se no fato de já possuir, em figura, aquilo

⁴ LG, 48d

que já somos pela graça, mas que ainda não foi plenamente cumprido neste mundo.⁵

Recuperar a discussão levantada pelo Concílio Vaticano II de uma índole escatológica presente na raiz da Igreja faz-nos pensar na contribuição que a escatologia pode oferecer à recuperação do sentido da vida e do mundo como lugares simbólicos da manifestação de Deus; da construção do Reino nas realidades presentes e, sobretudo, da valorização na unidade indissolúvel entre o sentido simbólico na vida e na existência humana como lugar-tenente da autocomunicação de Deus com a criação.

A presente pesquisa se justifica pelo fato de que toda teologia implica uma escatologia⁶. E quanto mais se compreender a relação entre escatologia, graça e esperança futura, mais se perceberá o entrelaçamento que existe entre a esperança do Reino definitivo e o viver a construção do Reino nas experiências deste mundo atual. Como bem afirma o teólogo *J. Ratzinger*, a teologia, mais do que nunca, nos últimos anos, voltou-se à escatologia, para encontrar o verdadeiro sentido da vida e da missão da Igreja. Tal missão é uma tarefa de toda a teologia, mas, especialmente, da escatologia, que busca unir na tensão escatológica, – de “já” possuir os bens espirituais e de “ainda não” tê-los em plenitude – a fé e a esperança da promessa do Reino, em meio às realidades deste mundo.

O referido trabalho justifica-se, ainda, pelo fato de que a atual conjuntura do mundo, com seus conflitos intramundanos, relegou a segundo plano as questões escatológicas, por considerá-las coisas distintas da vida concreta. Esse trabalho deseja, exatamente, recuperar o sentido perdido da unidade entre vida e morte, símbolo e realidade, linguagem simbólica e reflexão sistemática, com a finalidade de encontrar caminhos seguros para repropor a esperança final como autêntica via de sentido para este mundo e para a busca de sentido último da vida.

⁵ MOLINARI, P., *A Igreja Escatológica: Índole Escatológica da Igreja Peregrina e suas Relações com a Igreja Celeste*, IN BARAÚNA, Frei Guilherme, OFM, *A Igreja do Vaticano II*, Vozes, Petrópolis, 1965, pp. 1136-1137.

⁶ TORNOS, A. *Escatologia I*. op. Cit., pp. 12-40; J. RATZINGER, *Escatología*. op. Cit., pp. 17-30.

1.1 Metodologia e Estrutura

O método de elaboração empregado foi desenvolvido em dois momentos que, apesar de terem especificidades, foram articulados ao longo do trabalho de hermenêutica teológica. Iniciamos o caminho metodológico buscando, através das fontes primárias, ou seja, obras ligadas diretamente ao sétimo capítulo da *Lumen gentium*, auscultar o testemunho, primeiro, dos padres conciliares, do Magistério e da Tradição; e, depois, os testemunhos de teólogos que, no período da elaboração dos textos conciliares, estiveram, direta ou indiretamente, ligados ao Concílio. Depois, ainda, buscamos escutar outros teólogos que, com suas obras de comentários sobre a escatologia da Igreja, muito contribuíram para a nossa pesquisa.

Para elaboração da pesquisa e o alcance dos objetivos propostos, utilizamos o método de análise “ver, julgar e agir”. Assim, analisamos os textos, averiguando, primeiramente, o aspecto do VER. Buscamos encontrar, num estudo preliminar do texto, os elementos constitutivos do sétimo capítulo da *Lumen gentium*. Desta forma, dedicamos, no primeiro capítulo, um olhar sobre a linguagem simbólica presente no texto do Vaticano II. Sobre o paradigma do simbólico, discorremos sobre a importância de compreender a linguagem simbólica dentro da reflexão escatológica. A experiência do “já” e do “ainda não”, da plenitude da salvação, para ser bem audível, ao homem contemporâneo, necessita antes, porém, de um entendimento acerca da forma e do conteúdo da linguagem simbólica na escatologia. Ainda no primeiro capítulo, tratamos, como eixo deste capítulo, o conceito de esperança como princípio hermenêutico, para compreender a escatologia conciliar. Por fim, definimos o que seriam as expressões “já” e “ainda não”, no contexto da nossa pesquisa.

No segundo capítulo, à luz do texto do sétimo capítulo, apresenta-se um estudo acerca das questões mais relevantes da escatologia conciliar. Tentando compreender o sentido do “já” e do “ainda não” da plenitude da salvação, discorre-se sobre a relação da Igreja peregrina com a celeste e vice-versa, tendo, como transfunda, a tensão escatológica da graça salvadora de Cristo. Esse capítulo será útil à medida que, olhando os elementos teológicos da escatologia dos padres

conciliares, perceberemos a unidade e o objetivo de um capítulo de escatologia dentro da Constituição *De ecclesia*.

Depois, à luz do testemunho do Magistério e dos teólogos estudados na pesquisa, verifica-se no terceiro capítulo, como o Concílio tratou a relação entre a Igreja e o ser humano. Aqui, buscaremos elucidar, à maneira do JULGAR, a relação dinâmica do “já” e do “ainda não” na vida, tanto da Igreja como de cada fiel. Esse é o centro de nossa pesquisa e é, a partir deste capítulo, que todo o trabalho deverá ser vislumbrado.

Por fim, o quarto e último capítulo converge para uma escatologia que se faz prática, real e eficaz na Igreja e no mundo. Aqui, buscamos entrever como acontece a tensão escatológica, na prática de cada realidade cristã. Neste ínterim, busca-se demonstrar que a escatologia é uma dimensão teológica que infere em toda vida cristã e comporta consequências na vida, presente e futura, de cada membro do Povo de Deus. Nossa primeira intenção foi pesquisar como o Povo de Deus vive essa tensão de “já” ser salva, mas “ainda não” possui essa plenitude da salvação. Em outras palavras, como trabalhar no mundo, sem prender-se a ele? Por fim, como caminhar para Cristo sem descuidar da vida presente, como dom de Deus, a ser preservado e valorizado?